

O OFÍCIO DE ALFABETIZAR: O MAGISTÉRIO COMO PROFISSÃO¹*The Office of Teaching Reading: teaching as a profession**Andréia Demétrio Jorge Moraes²**Sonia Maria dos Santos³***RESUMO**

Este texto vincula-se à pesquisa “História e ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba 1931-1961”, esta é caracterizada no âmbito da produção historiográfica correspondente à história da formação docente das professoras alfabetizadoras que atuaram no município de Ituiutaba-MG no período entre 1931 a 1961, período pelo qual o país passava por dificuldades quanto à alfabetização da população e quanto à formação dos professores, principalmente nas cidades do interior que é o foco desse estudo. Com o auxílio da história oral, procuro revelar por meio dos depoimentos dos sujeitos que vivenciaram esse momento histórico onde e como se deu a formação docente das alfabetizadoras do período em questão. A pesquisa contempla e caracteriza três importantes instituições que se ocuparam da formação docente no período.

Palavras-chave: Escola Normal, Formação Docente, Alfabetizadoras.

ABSTRACT

This text links to the search “History and letter of female primary school agents: Ituiutaba 1931-1961”, this is characterized as part of the historiographic production corresponding to the history of teacher training of teachers female primary school agents who acted in the municipality of Ituiutaba-MG in the period from 1931 to 1961, by which time the country was through difficulties on the literacy of the population and the training of teachers, mainly in the interior which is the focus of this study. With the help of oral history, try to prove through the testimony of subjects who experienced this historic moment where and how they gave the training of female primary school agents the period in question. The survey covers and features three important institutions that have dealt with teacher training in the period.

Keywords: Normal School, Teacher Training, Female primary school agents

O contexto histórico, geográfico, social e cultural, no qual a escola está inserida, mostra-se como uma das dimensões da teia de significados que tecem a cultura escolar.

¹ Este texto resulta de pesquisa desenvolvida no período de 2006 a 2008 intitulada “História e Ofício de Alfabetizadoras: Ituiutaba, 1931-1961”.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora da rede municipal de ensino de Ituiutaba, Minas Gerais. Contato: deia.demetrio@uol.com.br

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: soniam@ufu.br

Outra dimensão importante se mostra através dos atores desse contexto que são os docentes, alunos, e suas famílias. Muitas vezes, quando se pensa na educação da infância, se pensa na instituição escola, no espaço físico, no conhecimento adquirido e não em seus profissionais, em seus educadores. Raramente se pensa no professor, em sua história profissional, nos saberes de seu ofício. No entanto, a profissão de professor é anterior à formação da instituição escolar.

A educação do ser humano tem no seu cerne a figura do professor, alguém que aprendeu e apreendeu o conhecimento humano, seus saberes e valores, sua cultura e, conseqüentemente, está capacitado para formar os aprendizes humanos. Dessa forma os mestres devem ocupar lugares centrais no processo educativo, não meros apêndices.

Aqui, torno a enfatizar a intenção dessa pesquisa em registrar os saberes e práticas dos alfabetizadores, reconhecendo, por meio de alguns, a história de muitos que não podem permanecer esquecida, como define Arroyo (2000, p. 09), no baú da história do magistério. A história da alfabetização no município de Ituiutaba⁴, assim como em todo o Brasil, carece de registro, e ninguém melhor que os professores alfabetizadores, sujeitos que participaram de todo o processo educacional, para dar seus depoimentos e ajudarem na escrita dessa história. Por meio destes depoimentos estaremos recuperando as histórias dos sujeitos da ação educativa do período de 1931 a 1961, estaremos trazendo à tona o seu ofício de mestre e possibilitando que esse ofício se torne parte central das reflexões teóricas e das políticas educativas que envolvem a educação primária.

Olhar os mestres, seus conhecimentos e suas práticas, é o melhor caminho para compreender a escola e o movimento educacional do passado, do presente e estabelecer ações para o futuro. De acordo com Sacristán,

Meditar sobre o que ocorreu pode dar-nos perspectiva, impulsos e algumas inquietações mobilizadoras [...] Só podemos preencher o “porvir” a partir do presente com projetos, e estes estão enraizados nos ideais do passado e do presente (2000, p. 39).

A melhor maneira de se compreender o presente educacional é estabelecendo diálogo com os sujeitos da história, os mestres das escolas, dando-lhes a oportunidade de ocupar a posição de destaque que lhes é de direito. Por meio desse diálogo estaremos recuperando e registrando seus saberes de ofício, como esclarece Arroyo:

[...] tirando do baú dos esquecidos da história do magistério artes que não deveriam ter sido esquecidas. Artes de ofício. Saberes e sensibilidades aprendidas e cultivadas. Guardadas no cotidiano, nas gavetas das salas de aula de tantos mestres de agora e de outrora (2000, p. 09).

Neste estudo procuramos desnudar a identidade de nossos antigos mestres, compreender o caminho tão fecundo por onde passaram para nos compreendermos um pouco mais. Essa compreensão se dará através dos traços do ofício de professor, traços

⁴ Ituiutaba é uma das cidades que compõem a região do Triângulo Mineiro em Minas Gerais. Possui atualmente cerca de 92.000 habitantes.

e hábitos que todos os mestres repetem, saberes e fazeres que são próprios de sua maestria. Diante disso, estaremos desvendando a imagem que a sociedade tem dos educadores e de seu ofício, ainda Arroyo:

O termo ofício remete a artífice, remete a um fazer qualificado, profissional. Os ofícios se referem a um coletivo de trabalhadores qualificados, os mestres de um ofício que só eles sabem fazer, que lhes pertence, porque aprenderam seus segredos, seus saberes e suas artes. Uma identidade respeitada, reconhecida socialmente, de traços bem definidos. Os mestres de ofício carregavam o orgulho de sua maestria (2000, p. 18).

O pensar e o fazer educativo moderno têm suas origens no saber-fazer, nas artes dos mestres educacionais do passado, seu saber-fazer sobrevive em nós, educadores e educadoras atuais, que, ao longo de nossa profissão, incorporamos as marcas de um ofício, aprendidas e incorporadas no diálogo de gerações. Ao usar o termo ofício de mestre, acredito que a categoria se mantém e que os saberes específicos da profissão se reproduzem, apesar de todas as alterações sofridas na educação e na própria profissão.

As professoras primárias, assim como cada grupo de docentes, possuem particularidades de reconhecimento social, imagens complexas que não dependem apenas dos níveis de titulação. As professoras das séries iniciais carregam uma imagem social também definida, porém, pouco profissional, essa imagem bem dominante, em que predomina a competência para o ensino das primeiras letras e contas, mas principalmente o carinho, a dedicação e o cuidado com as crianças. Apesar de esses traços promoverem um reconhecimento bastante forte no imaginário social, não conferem a essas professoras um estatuto profissional. Esse imaginário social ainda possui as marcas de professora primária, construído há muitas décadas: “Ser professora ou professor é carregar uma imagem socialmente construída. Carregar o outro que resultou de tudo” (ARROYO, 2000, p. 30).

O reconhecimento social de cada profissão acompanha o reconhecimento social do campo específico em que trabalham, dos sujeitos com quem trabalham, dos valores a que sua ação está vinculada. Como docentes, estamos historicamente ligados à sorte da infância, aos projetos que a acompanham, a conduzem e a formam. O que somos como educadores depende do reconhecimento social dos tempos da vida humana que formamos. Em alguns momentos no decorrer da história, em que essas questões têm sido mais discutidas, mais questionadas, são momentos de confronto com a imagem social que a categoria carrega. A idéia de vocação, de um ser a serviço dos outros, ou de um ideal presente na imagem social da categoria, foi perdendo forças, apesar dessa visão ainda fazer parte da auto-imagem de muitos professores e das representações sociais por eles lembradas.

Para compreendermos melhor nosso ofício de professor e a nós mesmos enquanto educadores, para discutir sobre que professor queremos ou sonhamos ser, para traçar um novo perfil para o professor atual, não se pode ignorar que o ofício do mestre das primeiras letras, do mestre alfabetizador, carrega uma longa história, que nos acompanham:

O ofício de mestre faz parte de um imaginário onde se cruzam traços sociais afetivos, religiosos, culturais, ainda que secularizados. A identidade de trabalhadores e de profissionais não consegue apagar esses traços de uma imagem social, construída historicamente. Onde todos esses fios se entrecruzam. Tudo isso sou. Resultei de tudo (ARROYO, 2000, p. 33).

Essas inquietações não se desfazem facilmente, nem de acordo com a vontade dos professores e professoras, vão mais além, é preciso compreender o papel que exercem enquanto professores de ofício, o peso social e cultural que carregam, as condições de seu ofício, seu ser professor, professora.

De acordo com Arroyo (2000), durante décadas, a categoria vem se autodescobrindo e se afirmando como coletivo social, que a forma como é tratada está colada à imagem social vigente e esta imagem pouco, ou quase nada, muda com o passar dos anos, que perdura como um modo de ser. O ofício que carregamos, a imagem que nos legaram, foi construída cultural e socialmente e tem sido politicamente explorada.

A história dessas últimas décadas tem se caracterizado principalmente por tentativas de melhorar as condições para o exercício do ofício de professor e em redefinir esse imaginário. Esse imaginário pode ser mudado, mostrando um outro perfil de professor, uma outra cultura, uma nova presença que contradizem o imaginário de professora primária, boazinha, terna, cuidadosa. Assumir uma nova postura, ir afirmando novos traços, redefinir posturas e perfis, reconhecer formas diferentes de ser professor e professora. Tudo isso se revela como um processo lento de construção e re-construção.

É preciso lembrar que uma das principais iniciativas para a formação do profissional da educação, foi a criação e instalação das Escolas Normais. De acordo com BRZEZINSKY (1996), essas instituições representaram, na história da educação brasileira, o início da formação, passando a ser referência inclusive para as Escolas Normais Superiores e, posteriormente, para os cursos universitários de Pedagogia. A expansão da Escola Normal no Brasil, marcou o fim do mestre-artesão, do mestre amador, leigo e ainda a iniciação da profissão de professor/a primário/a.

A Escola Normal, correspondia à formação de professores para atuarem no ensino primário e ao mesmo tempo, representava a iniciativa de expansão do nível de escolaridade no Brasil, baseado na necessidade de desenvolvimento urbano e de industrialização.

Nessa perspectiva, apresento três instituições, que se destacaram como principais na formação de professores das séries iniciais, no município de Ituiutaba.

Caminhos trilhados na formação docente: escolas para alfabetizadoras Escola Normal de Uberlândia

As Escolas Normais representavam no início do século XX um marco difusor da educação republicana, um dos maiores símbolos educacionais, representantes do espírito da modernidade. Na maioria dos estabelecimentos, prédios arquitetonicamente planejado, tendo como finalidade formar cidadãos para as novas gerações de brasileiros, contribuindo e empenhando-se para consolidar o Estado Republicano, as professoras eram formadas sob as novas disciplinas e métodos de ensino, sob condutas de civismo,

noções de nacionalidade e patriotismo

Até esse período a origem dos professores diplomados para atuarem na região do Triângulo Mineiro estava condicionada à imigração de professores com formação em Escolas Normais situadas em Belo Horizonte, em outras capitais como as do Rio de Janeiro e de São Paulo e de cidades de grande porte como Campanha.

A área educacional da cidade de Uberabinha, hoje cidade de Uberlândia estava em expansão e “O processo de escolarização em Uberabinha caracteriza-se neste período, por apresentar salto quantitativo tanto no número de estabelecimentos de ensino quanto de alunos matriculados (VIEIRA, 2003, p.364).

De acordo com o autor, o município de Uberlândia⁵ estava em processo de urbanização com o advento de uma movimentação populacional de perímetro urbano, associado à construção das estradas que ampliariam gradualmente seu desenvolvimento comercial e industrial. À medida que ocorria a implantação de novas linhas férreas e rodoviárias na região do Triângulo Mineiro, que possibilitariam a comunicação entre os Estados de Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro, ia aumentando o fluxo migratório e, conseqüentemente, o aumento do número de estabelecimentos.

Apesar da ampliação do número de matrículas de alunos e no número de instituições escolares tanto públicas como privadas, apesar das reformas educacionais nos âmbitos municipal e estadual, constata-se, a partir de estudos realizados com a utilização da imprensa escrita, que Uberabinha não possuía Escola Normal (VIEIRA e CARVALHO, 2002, p. 365). Nesse período, iniciam-se as discussões sobre a formação de professores para atuarem nas escolas primárias em Uberabinha, que até o momento estava na dependência de Escolas Normais instaladas em outras cidades mineiras ou de outros Estados. Em dezoito de outubro de 1924, segundo Vieira:

[...] foi pela primeira vez publicado no jornal A Tribuna, um anúncio do Gymnásio de Uberabinha divulgando: anexa a esse estabelecimento de ensino Primário e secundário, a fundação da Escola Normal para ambos os sexos. No dia 08 de fevereiro de 1925 a Direção do Gymnásio de Uberabinha solicitou a publicação de uma Nota Complementar no Jornal A Tribuna, informando que a compra do Material para a Escola Normal já estava contratada, porém a mesma não estaria em funcionamento, pois aguardava autorização do governo estadual (2003, p. 368).

O auxílio da imprensa, sensibilizando as autoridades a respeito da importância da instalação da Escola Normal durante a visita do Inspetor de Ensino Estadual, foi importante para que a escola iniciasse suas atividades ainda em 1925, anexa ao Ginásio de Uberabinha, uma instituição privada, que iniciou suas atividades em 1912 sob a direção de Antônio Luiz da Silveira, e que oferecia nesse período a Instrução Primária e Secundária, em regime de Internato, Semi-internato e Externato para ambos os sexos. Apesar de ser uma instituição privada, contou com a liberação de recursos financeiros do poder público municipal para a Escola Normal anexa ao Gymnásio de Uberabinha.

⁵ Uberlândia é uma outra cidade que compõem a região do Triângulo Mineiro em Minas Gerais, distante de Ituiutaba 130 km.

A presença de uma Escola Normal na cidade abriu uma nova oportunidade para as jovens uberabinhenses e da região que, até então, para prosseguir seus estudos, após terem concluído o ensino primário, viam-se na obrigação de mudar para outras cidades.

O professor Antonio da Silveira deixou a direção do Ginásio de Uberabinha em 1927, tendo assumido a vaga o professor José Avelino e logo após, em 1928, o professor José Inácio de Souza.

Ainda em 1928, segundo Teixeira (1970), o presidente Antonio Carlos, por inspiração do senador Camilo Chaves, que representava a região no Parlamento Mineiro, criou no Estado de Minas Gerais alguns ginásios oficiais e Escolas Normais regionais, para Uberlândia foi destinado o Ginásio Mineiro de Uberabinha, em regime de internato e externato nos moldes do Ginásio Mineiro de Barbacena. A associação que havia construído o edifício da Praça Adolfo Fonseca para abrigar o Ginásio de Uberabinha, fez a doação do mesmo ao Estado de Minas Gerais para instalar o estabelecimento público de ensino. Os alunos do então Ginásio do Uberabinha continuaram seus estudos no recém-criado Ginásio Mineiro de Uberabinha.

No final do ano de 1929, com a mudança de nome da cidade para Uberlândia, o estabelecimento passou a se chamar Ginásio Mineiro de Uberlândia. A Escola Normal, que funcionava anexa ao Ginásio de Uberlândia, manteve sua atuação como escola responsável por formar professores para atuarem nas escolas primárias, não só de Uberlândia, mas de toda a região. Durante o depoimento da alfabetizadora Saraiva, tive acesso a algumas fotos de seu acervo e de lembranças referentes à Escola Normal de Uberlândia nos anos de 1934, 1935 e 1936, período em que lá estudou e trouxe para Ituiutaba como recordação.

A presença de uma Escola Normal em uma cidade tão próxima de Ituiutaba oportunizou às jovens Ituiutabanas dar continuidade aos estudos realizados em sua cidade, uma vez que em Ituiutaba ainda não havia Escola Normal. Diante disso a alfabetizadora Saraiva encaminhou-se para Uberlândia

Aí eu fui para Uberlândia, lá tem colégio de internato. Eu prestei concurso para entrar, prestei concurso de francês, português, geografia... não me lembro muito bem.... fiz um concurso lá para entrar [...] foi 1934, 1935 e 1936 que eu estudei lá [...] Lá eu prestei o concurso pra entrar já no 1º ano normal, aí eu entrei no 1º normal [...] e fiquei até terminar o curso normal, fiz o Curso Normal lá com o José Inácio, ele era diretor [...] E fiz os três normais lá. Depois eu vim embora pra Ituiutaba, já vim pra lecionar (SARAIVA, 2007).

A alfabetizadora Saraiva, guarda ainda parte de sua carteirinha de estudante daquele período, o que me induz a pensar no quanto estudar naquela escola, uma Escola Normal, em uma época em que a maioria das professoras do interior mineiro eram leigas, representou para aquela alfabetizadora.

Durante esse período, a alfabetizadora permaneceu em Uberlândia, morando na casa da mãe de uma colega que acolhia estudantes em regime de república, como relatado por ela. Segundo Saraiva, era dada muita importância ao uniforme, este era minuciosamente elaborado e exigido:

[...] o uniforme era de lãzinha grená, a saia plissada, plissada e não era curta, era pra baixo do Joelho. De botina exclusiva de um sapateiro, só esse fazia. Modelo tudo igual. E a blusa era de palha de seda, de manga comprida, aquela palha de seda boa, cara sabe? E tinha uma boina igual a saia, a cor da saia (SARAIVA, 2007).

O regime disciplinar da escola, como convinha à época, era muito rígido. O acompanhamento dos alunos era constantemente monitorado, até mesmo fora da escola, como percebemos pelo relato de Saraiva quanto se refere ao diretor José Inácio de Souza, em momentos de vigilância à chegada dos alunos à escola,

Era obrigatório o uniforme à hora que você saísse da sua casa, punha o uniforme e antes de sair na rua, a boina! E ele tinha no prédio uma janela lá em cima no 2º ou 1º andar não me lembro aquela... e na hora da gente chegar ele ia lá pra janela. Um dia ele foi pra janela e viu muita gente chegar com boina na mão. Minha filha, esse homem desceu as escadas lá e foi esperar a gente lá na porta. Eu tava de boina eu não andava fora da lei não sabe? (SARAIVA, 2007).

A prática docente das alunas da Escola Normal dava-se, segundo os critérios estabelecidos para as Escolas Normais, em escolas primárias anexas às escolas de formação. Saraiva relata ter ministrado aulas demonstrativas na escola primária que funcionava junto à Escola Normal, contando com a presença das professoras do curso:

[...] nós dávamos aula, os alunos faziam aqueles relatórios. de como tinha sido a aula... do que ia dar na aula naquele dia. [...] Nós tínhamos o primário [...] Podia voltar para a sala de aula, tinha aquela aula pra ver se estávamos indo bem... as professoras... iam junto pra assistir. A professora da matéria que eu ia dar (SARAIVA, 2007).

Conforme depoimento, após ter se formado professora, Aracy Saraiva retorna a Ituiutaba, no final de 1936, sendo imediatamente nomeada professora do Grupo Escolar João Pinheiro, onde atuou como alfabetizadora por mais de dez anos.

Instituto Marden: Ituiutaba formando alfabetizadoras

O crescimento econômico e social, que vinha ocorrendo no Triângulo Mineiro e em Ituiutaba, contribuem para o aumento do número de escolas e de matrículas. A exemplo do que ocorria nas demais cidades interioranas, a formação de professores só era possível mediante a mudança para a capital Belo Horizonte, ou outras cidades que possuíam Escolas Normais, fator este que acarretava dificuldades para as jovens Ituiutabanas. Em 1935, com o intuito de sanar essas dificuldades, é criada no Instituto Marden a Escola Normal.

Justifico aqui a necessidade de ressaltar o Instituto Marden por ter sido a escola responsável pela formação de inúmeras professoras alfabetizadoras que atuaram no município de Ituiutaba e na região, inclusive da alfabetizadora Machado que faz parte deste estudo. Escola laica e particular, foi a única que conseguiu exercer suas atividades

no município por um longo período e que, além de marcar a vida de muitos ituiutabanos, influenciou no modo de atuação de muitos educadores e educadoras do município.

Tomaremos aqui o estudo de Moraes (2004) para caracterizar essa instituição. De acordo com a autora, o nome da escola “Instituto Marden” recebeu influência do pensador Orison Swett Marden, um escritor nascido em 1848, na Nova Inglaterra. Foi o primeiro escritor a publicar obras de sucesso nos Estados Unidos, escreveu vários livros com idéias de otimismo, alegria e confiança, envolvendo progresso, crescimento humano, individual e social, educação, trabalho e realizações profissionais. A Escola surge da necessidade de oferecer aos alunos egressos do Grupo Escolar João Pinheiro a oportunidade de continuar os estudos. As atividades do Instituto Marden iniciaram em 1933, com um curso de adaptação com duração de dois anos, que se destinava a preparar alunos para ingressarem no Curso Normal. O professor Álvaro Otávio, percebendo a necessidade de oferecer a continuação da escolaridade oferecida pelo Grupo Escolar, fundou o Instituto Marden. Moraes ressalta:

[...] doutor Álvaro, nas horas vagas, lecionava gratuitamente, dando aulas de reforço para alguns alunos do grupo escolar João Pinheiro, a única escola primária do Estado na cidade. Daí nasceu a idéia de se criar uma escola em que os alunos pudessem prosseguir os estudos ao terminar o curso primário. Em outubro de 1933, doutor Álvaro fundou o Instituto “Marden” [...] (2004, p. 12-13).

Ainda de acordo com a autora, o Curso Normal começou a funcionar em 1935 e foi reconhecido pelo Decreto n.º 941, de 29/07/1937, com a primeira turma de concluintes, turma da qual a alfabetizadora Jerônima Alves dos Santos Machado fazia parte.

A oficialização do curso normal foi comemorada com entusiasmo por todos na cidade e principalmente pelos mardenienses. Estava reconhecida a primeira escola normal da cidade, responsável por formar os primeiros professores primários.

Apesar de ser uma escola particular, que necessitava das mensalidades, mantinha segundo Chaves (1984), bolsas de estudos gratuitas para mais de 100 alunos, anualmente, destinava vaga em seu quadro para alunos de classes menos favorecidas que estudavam sem o pagamento. A alfabetizadora Machado declara com orgulho ter sido uma dessas alunas bolsistas e que retribuía o benefício do aprendizado recebido na instituição, atuando como monitora nas turmas de alfabetização, como nos relata:

Já foi no 2º ano com a D. Alaíde que nós começamos o ditado. De 2ª a 4ª série eu fiz com a D. Alaíde Macedo, e como era uma aluna aplicada ela me deu estudo até eu me formar[...] durante o meu estudo, em que eu fazia o estudo no Marden, eu já era auxiliar, e depois quando eu me formei, eu continuei sendo alfabetizadora [...] (MACHADO, 2007).

Dr. Álvaro Brandão, segundo Moraes (2004), em sala de aula, lembrava aos alunos a importância de se cuidarem física e moralmente. Percebem-se as influências do pensador Marden, e seus ensinamentos de que a responsabilidade da formação do cidadão está

entregue ao professor, pois ele deve ser o formador das mentalidades de homens que hão de valorizar a pátria. E para isso, ele, professor, também deveria possuir essa mentalidade, para que, na convivência diária com seus alunos, provocar momentos que propiciassem esse aprendizado.

Atendendo às necessidades da população, segundo Chaves (1984), Álvaro Brandão e sua esposa Alaíde, para dar acolhimento ao progressivo número de alunos, não só da zona rural, mas também de outros municípios triangulinos e do vizinho Estado de Goiás, adquiriram um prédio e instalaram um internato onde acolheram durante 41 anos centenas de moças, moços e crianças que vinham para estudar na cidade, longe das famílias.

As atividades do Instituto Marden não se limitaram ao Curso Normal, a Escola implantou novos cursos seguindo a demanda educacional da população ituiutabana como relata Moraes:

Em 1942 teve início a primeira turma do curso ginásial. Em 1951, sob a denominação de colégio Comercial Barão de Mauá, foram implantados os seguintes cursos noturnos: Ginásial, Comercial e técnico em contabilidade, cuja primeira turma concluiu em 1953. Esse curso beneficiou todos aqueles que não podiam estudar durante o dia. Em 1950 foi criado o curso científico, para atender os alunos mardenienses que não queriam estudar fora de Ituiutaba (2004, p. 12-13).

A trajetória do Marden não cessou, o leque de opções se abria em consonância com as necessidades de estudo, demonstradas pelos jovens ituiutabanos, e vários são os profissionais que tiveram seus estudos iniciados naquela Escola: alfabetizadoras, professoras primárias, médicos, empresários, comerciantes, odontólogos, políticos, e inúmeros são gratos à educação ali recebida:

E finalizando eu devo tudo isso ao Dr. Álvaro e a D. Alaíde, eles foram é um marco em minha vida, se não fossem que seria de Dona Jerominha? Seria uma lavadeira, uma doméstica quando muito. E com o estudo consegui encaminhar meus filhos também. Todos estudaram só um que não fez faculdade (MACHADO, 2007).

O Instituto Marden, como muitas instituições no Brasil, alfabetizou, instruiu a população, formou professores e diretores das escolas, preenchendo a enorme lacuna deixada pelo poder público que deveria se ocupar em oferecer educação pública e gratuita a todos os cidadãos.

Escola de Aperfeiçoamento: a famosa escola da capital mineira

A formação do professor se apresenta como ponto principal no movimento de renovação do ensino mineiro. Diante disso, as atenções do governo, segundo Peixoto (2003), se voltam para a formação e aperfeiçoamento do professor, investindo no que hoje chamamos de formação continuada. Para isso, são previstos cursos, conferências e até mesmo o dia da leitura, composto de duas horas semanais, às quintas-feiras, exclusivamente destinadas à leitura na biblioteca ou em salas especialmente destinadas

para tal, com a finalidade de atualização do professor em temas importantes para a cultura docente.

A preocupação com a formação inicial do professor para atuar no Curso Normal também se faz presente, de acordo com Peixoto,

Finalmente, o governo põe em prática uma proposta do governo anterior, que consistia na implantação do curso pós-normal para a formação de docentes para o Curso Normal e de especialistas na área do ensino, criando em 1929, a Escola de Aperfeiçoamento. Sua implantação resulta de uma necessidade concreta, a carência de pessoas habilitadas, em condições de levar à frente as idéias e colocar em prática as medidas estabelecidas pelos regulamentos e programas de ensino (2003, p. 94).

Fazia-se necessário, uma instituição que realizasse um trabalho no sentido de testar a aplicação dessas idéias no meio educacional e de preparar profissionais capazes de orientar e avaliar sua aplicação nas escolas. Com esse objetivo, o governo trouxe ao Brasil uma comissão de pedagogos europeus, que chegaram em Minas Gerais no início de 1929, foram eles: Theodore Simon, Jeanne Milde, Artus Perelet, Leon Walter e, em sua substituição, Helena Antipoff, assistente do famoso Claparède. Ao mesmo tempo o governo enviou um grupo de professores aos Estados Unidos, ao Teacher's College, da Universidade de Colúmbia, com o objetivo de formarem-se em novos métodos e processos, preparando-se para constituir, através da Escola de Aperfeiçoamento o núcleo gerador do processo de renovação das escolas mineiras.

A Escola de Aperfeiçoamento coexistiu portanto com duas matrizes teóricas, a européia, trazida pela Missão Pedagógica, e a norte americana, apreendida pela comissão de professores em sua ida aos Estados Unidos. As duas linhas, apesar de diferirem quanto à melhor forma de conseguir resultados, tinham um ponto em comum, ambas acreditavam que para mudar o social seria necessário mudar o processo educativo. Com essa percepção, ambas viam nos métodos ativos o caminho para o sucesso.

Os primeiros anos da escola foram marcados por dificuldades diversas e críticas da sociedade mineira, segundo Maciel (2001), os jornais da época, noticiavam o empenho do governo liberal e modernizante de Antônio Carlos, dando destaque à reforma educacional, ao mesmo tempo em que alertavam para os altos custos assumidos pelo governo ao manter a missão européia no Brasil, atuando na Escola de Aperfeiçoamento. Outro fato que gerou controvérsias foi a vinda de professoras do interior para a capital. Segmentos da sociedade mineira estavam preocupados com a reputação das professorinhas que foram para Belo Horizonte morar em pensionatos, o Clero temia os efeitos que a ausência do lar e a vida numa sociedade grande, sem ninguém para controlá-las pudessem transformá-las. A Escola ainda enfrentava a resistência dos pais em matricularem os filhos nas classes anexas, que julgavam muito modernas para as famílias católicas mineiras. Para constituição da primeira turma foi necessária a interferência do Secretário do Interior, formando a primeira turma com crianças do Grupo Escolar Caetano Azeredo. As dificuldades iniciais foram superadas por meio do reconhecimento do trabalho desenvolvido, a procura por vagas para as poucas classes aumentou, e a escola logo passou a ser considerada escola modelo e acusada de ter se tornado uma escola elitizada.

O governo não poupava esforços para exaltar os benefícios das novas propostas para a educação, segundo Maciel (2001), já em 1925, na Revista do Ensino de Minas Gerais eram publicados artigos que referendavam o movimento da Escola Nova:

Para demonstrar a supremacia da escola moderna sobre a escola tradicional, o governo não poupava elogios àquela, em publicações que apontavam os seus benefícios. Entre os anos 25 e 40, foram publicados na Revista do Ensino muitos artigos, relatórios, traduções, referendando os princípios da escola ativa (MACIEL, 2001, p. 96).

Esses artigos, em grande número, revelam a influência do modelo americano na Reforma Mineira de 1927, pois faziam referência aos educadores estrangeiros mais em evidência, destacando Decroly, Montessori e Dewey, apontando para a aplicação dos princípios desses pesquisadores como possibilidade de redução da reprovação.

Em Minas Gerais, a influência dos pressupostos do método Decroly foi tão enfatizada que o Programa de Ensino de 1927 traz, segundo Maciel (2001), como sugestão de atividades para os professores, uma adaptação do próprio método. O método Decroly traz como pressuposto que a aprendizagem da criança ocorre mediante três processos: a observação, a associação de idéias e a expressão. Na observação a criança teria a oportunidade de se tornar curiosa para aprender, conhecer, constatar, estabelecer relações, comparações, fazendo a inteligência trabalhar de acordo com seus interesses. Na associação de idéias a criança tem a possibilidade de generalizar o que aprendeu, estendendo o conhecimento ao meio em que vive, unindo novos conhecimentos aos já adquiridos. Na última etapa, a da expressão, a criança expressa o conhecimento formado em seu cérebro através da palavra, do desenho, ou qualquer forma de linguagem. Para Decroly, os centros de interesse e as atividades desencadeadas por eles é que irão possibilitar o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Esses princípios foram defendidos por Lúcia Casasanta para a aprendizagem da leitura e da escrita, e na disseminação do método global de alfabetização. A professora tinha como meta demonstrar às alunas a superioridade do método global, utilizando-se de várias pesquisas realizadas nos Estados Unidos e Europa que apontavam para o método global como o mais adequado.

A Escola de Aperfeiçoamento, dessa forma, assume papel importante na formação das professoras que estavam atuando nas escolas e, portanto, precisavam de uma capacitação condizente com o novo paradigma para a aprendizagem da leitura. Isso se efetivou sob a responsabilidade da professora Lúcia Casasanta como catedrática da disciplina Metodologia da língua Pátria (MACIEL, 2001, p. 99).

A presença das alunas-professoras na Escola de Aperfeiçoamento ultrapassa os limites educacionais, influenciando a própria sociedade de Belo Horizonte. Carlos Drummond de Andrade em seu poema “As moças da Escola de Aperfeiçoamento”, que aqui reproduzimos parcialmente, ressalta a importância que esta Escola teve, não só na capital, mas em todo o Estado de Minas Gerais:

São cinquenta, são duzentas,/ são trezentas/ as professorinhas que invadem/ a desprevenida Belo?/ [...] De onde vem essas garotas?/ Eu que sei?/ Vem de Poços, São João/Del Rei, Juiz de Fora, Lavras/ Leopoldina, Itajubá,/ Montes Claros, Minas Novas,/ Cidades novas de Minas/ Ainda não cadastradas/ no índice Coreográfico/ de Pelicano Frade?/ [...] Que vem fazer essas jovens?/ Vem descobrir, saber coisas/ De Decroly, Claparède,/ Novidades pedagógicas,/ Segredos de arte e de técnica/ Revelados por Hélène/ Antipoff, Madame Artus,/ Mademoiselle Milde, mais quem?/ Ou vêm para perturbar/ Se possível mais ainda/ A precária paz de espírito/ dos estudantes vadios/ (eu, um deles)/ Que só querem declinar/ Os tempos irregulares/ de namorar e amar?/ [...] A Escola novidadeira,/ dita de Aperfeiçoamento!/ A gente não dava conta/ de tanto impulso maluco/ doridamente frustrado/ ante a pétrea rigidez/ dos domésticos presédeos/ onde vivem clausuradas/ as meninas de Belo/ [...] Que faz Mário Casasanta,/ autoridade do ensino,/ Que não devolve essas moças/ A seus lugares de origem?/ [...] Ele responde: São ordens/ Do doutor Francisco Campos,/ Nosso ilustre secretário/ De Educação e Cultura./ Carece elevar o nível/ do ensino por toda parte./ Va-se embora, não insista/ em perturbar nossos planos/ Racionais (ANDRADE, 1998, p. 222-225).

A Escola de Aperfeiçoamento desenvolveu um intenso trabalho junto às professoras dos Grupos Escolares, tendo como eixo a metodologia. As professoras, nela formadas, tinham o compromisso de voltar às escolas de origem e, por dois anos, atuar, como diretoras e orientadoras das professoras na implantação dos novos métodos. A professora-aluna Saraiva, relata como foi sua volta para Ituiutaba após o término dos estudos na Escola de Aperfeiçoamento:

Eu vim de Belo Horizonte e o secretário da educação foi nosso paraninfo. E ele mandou uma, espécie de um requerimento para nós, para gente... cada uma responder pra onde queria ir ou ficar na cidade que saiu, então cada uma escreveu o nome e pôs o que desejava. Aí eu falei que ia voltar pra cá. Muitas insistiram comigo pra ir pra terra delas eu falei vou não, lugar desconhecido não, depois, quero ir para minha terra... não é! Voltei pro João Pinheiro, encontrei muito obstáculo aqui quando eu cheguei. Parece que tinha gente que queria pegar a direção; mas não tinha formatura, tinha só tempo de professora. Quando foi no dia 27 de janeiro saiu minha nomeação (SARAIVA, 2007).

Professoras de toda a Minas Gerais procuravam estudar na Escola de Aperfeiçoamento, mesmo após 1946, quando o curso se transforma em Curso de Administração. O ingresso nessa Escola, dava-se, segundo a alfabetizadora Saraiva, que lá estudou durante os anos de 1954, 1955, através de concursos realizados para preencher 40 ou 50 vagas a cada ano,

A gente entrava quase mil no concurso [...] Era aquele povão, tudo moça formada já, era professora antiga. Passei, fiquei esperando uns 15 dias, aí apareceu lá pregado na parede que eu passei. Aí eles me chamaram para fazer a matrícula (SARAIVA, 2007).

A permanência das professoras do interior na capital, segundo a mesma, era

custeada pelo governo, que além do salário, recebia uma ajuda de custo para permanecer em Belo Horizonte durante os dois anos de curso.

Maciel (2001), ao analisar o quadro das disciplinas ministradas e da carga horária que compunha a grade curricular dos dois anos de formação das alunas e futuras mestras da Escola de Aperfeiçoamento, chama a atenção para a elevada carga horária semanal imposta às alunas, o que é confirmado por Saraiva que relata as dificuldades que resultavam na desistência de muitas alunas,

Era metodologia, em todas as matérias, tinha geografia, tinha ciências, tinha psicologia [...] Nossa Senhora! Eu estudava como se fosse uma doída. Você estudava pensando assim vou tirar ao menos 3 nessa prova, chegava lá você tirava 0,1 [...] Era horrível! E nós éramos (42) quarenta e duas [...] Foram saindo, foram saindo [...] E já eram professoras, que lecionavam, davam aula [...] elas davam o livro, de inglês ou de espanhol ou francês pra você traduzir. Agora, você saía da escola, chegava em casa 7 horas da noite. Que tempo você tinha? A aula começava às 10 da manhã. Você ia pra escola, se você chegasse 5 minutos atrasada não entrava, fechava o portão na sua cara. Era rigoroso! (SARAIVA, 2001).

Ainda se referindo ao rigor imposto às alunas e as dificuldade em acompanhar professores estrangeiros, Saraiva declara:

Nós fazíamos gráficos do Banco do Brasil, você acredita nisso? A coisa era tão apertada que você fazia aqueles gráficos, a mulher era de Portugal: Dona Dulce, ela veio de lá pra dar essas aulas [...] Tinha um professor de geografia, ele dava uma geografia muito elevada, não era pra nós que estávamos mexendo com curso primário, ele dava aquela geografia de geógrafos mesmo. Aquilo assustava a gente, a gente não entendia muita coisa, e não tinha que entender também não, era pesado (SARAIVA, 2007)

As professoras que passaram pela Escola de Aperfeiçoamento levaram consigo um legado do qual usufruíram em sua carreira e vida pessoal. Os conhecimentos lá adquiridos e o status de lá terem estudado contribuíram para que estas professoras se destacassem em suas cidades de origem. A alfabetizadora Saraiva foi uma dessas professoras-alunas da Escola de Aperfeiçoamento e que se destacou no cenário educacional de Ituiutaba, relembra esses ensinamentos:

Eu acho, foi útil demais. Foi muito útil estudar lá, aprendi coisas que eu nunca tinha visto, muita coisa bonita que eu não sabia [...] Serviu, porque lá eles ensinavam a prática do ensino, a importância do ensino na escola (SARAIVA, 2007).

Saraiva que foi convocada pelo governo de Minas Gerais para auxiliar na criação da Escola Estadual Governador Bias Fortes em 1959 e na criação da Escola Estadual Coronel João Martins em 1960, quando indagada por qual motivo tinha sido ela a indicada, responde com simplicidade: “Porque eu era a mais adiantada que tinha aqui nesta parte de escola” (SARAIVA, 2007).

Referências

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drumond de. *Boitempo II*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1998.
- CHAVES, Petrônio Rodrigues. *A loja do Osório*. Ituiutaba: 1984
- BRZEZINSKI, Iria. *Pedagogia, Pedagogos e Formação de Professores*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Alfabetização: *Lúcia Casasanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FaE/UFMG (tese de doutorado). 2001.
- MORAES, Vera C. O. *Tudo pela pátria: a história do Instituto Marden (1933-45)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.
- VIEIRA, Flávio César Freitas. *Escola Normal, Imprensa e Câmara Municipal de Uberabinha (1923 – 1927)*. Trabalho de pesquisa apresentado no II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais. UFU. Uberlândia – MG, 06 a 09 de maio de 2003.
- VIEIRA, Flávio C. F; CARVALHO, Carlos Henrique de. *As reformas educacionais em Uberabinha, MG (1920/1930)*. Trabalho de pesquisa apresentado no IV Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, Porto Alegre – RS, 02 a 05 de abril de 2002.
- TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: História da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia MG: Uberlândia Gráfica Ltda –Editora, 1970, 2 v.

Fontes Orais

- MACHADO, Jeronima Alves dos Santos. Ituiutaba (MG), 20/03/07. 1 fita cassete (90 minutos). Entrevista concedida a mim.
- PEREIRA, Ivanilde Terezinha. Ituiutaba (MG), 20/03/07. 1 fita cassete (100 minutos). Entrevista concedida a mim.
- SARAIVA, Aracy. Ituiutaba (MG), 15/01/07 e 03/10/07. 2 fitas cassetes (150 minutos). Entrevista concedida a mim.

Recebido em agosto de 2008

Aprovado em novembro de 2008